

## O ROSÁRIO DAS TREVAS

Lucas Camargo

A jornada pela solução dos enigmas nas obras de Carlos Drummond de Andrade é uma das maiores tensões em suas obras. Desde "Alguma Poesia", seu primeiro livro, o autor gauche deixou um longo rastro dos enigmas em seus poemas. O ápice da sua busca ocorreu em seu livro de 1951, Claro Enigma, que transformaria por completo o modo como o autor escreveria as suas obras. O título da obra por si só já revela um paradoxo, uma obstrução na clareza dos signos. Se o autor, até aquele momento, tratou sua poesia social com melancolia e obsessão, esses fatores cresceram exponencialmente após essa obra.

Dividido em seis seções, Claro Enigma subverte todos os temas que aborda: amor, vida, cultura, política, filosofia. Questões terrenas são passadas por metafísicas com apenas uma finalidade: a de encontrar respostas para os enigmas trilhados até então.

Na sua última seção, o livro apresenta seus dois poemas de conclusão: "A Máquina do Mundo" e "Relógio do Rosário". O primeiro é vastamente aprofundado nos campos da pesquisa. Fatores como a abordagem da alegoria camoniana, a alusão aos versos dantescos e a recusa da resposta dos enigmas foram motivos para os teóricos revisitarem constantemente o poema. Mas o segundo é deixado de lado, sendo lembrado, muitas vezes, como um poema irmão ou complementar do anterior.

Portanto, neste trabalho, exploraremos o poema "Relógio do Rosário", dividindo-o em quatro principais partes, entendendo o papel que cada uma delas desempenha dentro do próprio poema e do livro. Analisaremos desde o momento em que a treva foi trazida pelo baixar do som do relógio até quando a realidade diurna retorna.

### **I. A treva cai sobre o mundo**

Num primeiro momento é estabelecido ao leitor a claridade, ainda como se a escuridão estivesse longe de chegar. É como se o início do poema tivesse por intenção nos remeter à rosa anterior; a rosa vermelha, do povo. Mas como um baque, a treva cai sobre a praça do Rosário e o mundo:

Era tão claro o dia, mas a treva,  
do som baixando, em seu baixar me leva

pelo âmago de tudo, e no mais fundo  
decifro o choro pânico do mundo,

que se entrelaça no meu próprio choro,  
e compomos os dois um vasto coro.

A enunciação da treva surge de tão súbito quanto em "Dissolução". Enquanto no primeiro poema do livro a treva cai logo nos primeiros versos do poema ("Escurece, e não me seduz / tatear sequer uma lâmpada."), no Relógio temos a uma evolução mais acelerada da escuridão, com a impressão de um eu lírico que já está experienciando o âmago da treva naquele momento, como se a luz já estivesse há muito distante ou esquecida.

Despertando o choro pânico do mundo, a treva então anuncia sua função como tensão do poema. Por meio da sua presença, o eu lírico é capaz de decifrar a total explicação da vida. Nesse contexto, a verdade sombria cumpre uma função alegórica e similar a da Máquina do Mundo do poema anterior. Camilo chega a propor que enquanto "A Máquina do Mundo" encerra um ato de recusa, o "Relógio do Rosário" encerra um ato de aceitação, entrega e identificação (2001).

A verdade sombria então surge no cerne não de apenas um único sujeito, mas em um coletivo de pessoas, como que na tentativa de Drummond até mesmo de remeter ao sentimento mundano e grandioso de suas poesias anteriores. A poesia social empregada aqui, porém, não se trata da mesma de antes, pois nessa situação ela exerce um papel de busca pelo conhecimento do trágico e do melancólico associado ao real. Portanto, o caráter social se expressa aqui não somente por meio do sentimento de inquietude e de sufoco como em Sentimento do Mundo ou Rosa do Povo. Aqui, ela acaba por somar com a angústia da dor da existência, tornando o próprio ser da consciência humana como um gatilho para o impuro e o maculado.

## **II. Dor universal**

Na segunda parte do poema, já nos encontramos no âmago de tudo. A descoberta da verdade sombria causa nos observadores dentro desse poema a epifania do mundo. Essa parte se seguirá pelos próximos vinte versos do poema, que formam uma única sentença.

Estritamente ligado às ideias de Schopenhauer e Nietzsche, o conceito da dor universal é sentida como um baque, acarretando no eu lírico as diversas dores derivadas do mesmo ponto de partida - o baixar da treva -. Inicia-se, então, a parte:

Oh dor individual, afrodisíaco  
selo gravado em plano dionisíaco,  
  
a desdobrar-se, tal um fogo incerto,  
em qualquer um mostrando o ser deserto,  
  
dor primeira e geral, esparramada,  
nutrindo-se do sal do próprio nada,  
  
convertendo-se, turva e minuciosa,  
em mil pequena dor, qual mais raivosa,  
  
prelibando o momento bom de doer,  
a invocá-lo, se custa a aparecer,  
  
dor de tudo e de todos, dor sem nome,  
ativa mesmo se a memória some,  
  
dor do rei e da roca, dor da cousa  
indistinta e universal, onde repousa  
  
tão habitual e rica de pungência  
como um fruto maduro, uma vivência,  
  
dor dos bichos, oclusa nos focinhos,  
nas caudas titilantes, nos arminhos,

dor do espaço e do caos e das esferas,  
do tempo que há de vir, das velhas eras!

Nesse momento, por meio das diversas representações das dores mundanas, há por parte do sujeito a aceitação da sua identidade na dor universal. Partindo da pequena dor ("Oh dor individual [...]") até as dores grandiosas ("dor do espaço e do caos e das esferas,/ do tempo que há de vir, das velhas eras!", o sujeito lírico é capaz de compreender nessa verdade as dores que o torna tão indistinguível no mundo, mesmo com os bichos e as coisas. Nesse âmbito, portanto, é que se torna essencial entender Schopenhauer. Segundo Camilo:

"Schopenhauer e Nietzsche são evocados aqui para dar um fundamento a essa "dor individual" [...] A evocação do primeiro se faz, obviamente, pela visão pessimista da dor inerente a qualquer forma de existência [...] que, segundo filósofo alemão, é decorrência de um querer ou uma vontade - fundamento metafísico de toda e qualquer forma ou manifestação do ser vivente - nunca satisfeita." (CAMILO, 2001)

Para o filósofo, o esforço do homem para tentar repelir qualquer tipo de dor apenas a fará "mudar de aparência". No texto de Drummond podemos ver isso acontecendo em:

dor primeira e geral, esparramada  
nutrindo-se do sal do próprio nada

convertendo-se, turva e minuciosa,  
em mil pequena dor, qual a mais raivosa

Ou:

dor dos bichos, oclusa nos focinhos,  
nas caudas titilantes dos arminhos,

dor do espaço e do caos e das esferas,  
do tempo que há de vir, das velhas eras!

Seja no âmbito singular ou plural, a dor da existência pode assumir a sua máscara dentro de pequenas representações, mas ainda sim expor o endosso da tese schopenhaueriana que tem a dor como fundamento de toda existência no poema.

### **III. Amor e Existência**

A epifania do eu lírico, que até então tratava apenas do sofrimento da existência, agora traz à tona o amor como criação divina, como o "motor de tudo e nossa única fonte de luz". Esta parte, no entanto, poderia ser considerada um complemento, já que, ao final, ela retorna a questão da dor existencial:

Não é pois todo amor alvo divino,  
e mais aguda seta que o destino?

Não é motor de tudo e nossa única  
fonte de luz, na luz de sua túnica?

O amor elide a face... Ele murmura  
algo que foge, e é brisa e fala impura.

O amor não nos explica. E nada basta,  
nada é de natureza assim tão casta

que não macule ou perca sua essência  
ao contacto furioso da existência.

Nem existir é mais que um exercício  
de pesquisar de vida um vago indício,

a provar a nós mesmos que, vivendo,  
estamos para doer, estamos doendo.

Diante do sofrimento do sujeito lírico exposto à treva, o amor surge como um caminho de superação da dor. Mas para ele, o amor é elevado ao divino, ao inatingível pelo terreno. Sendo seres marcados eternamente pela dor, o casto e imaculado amor não seria capaz de ser concretizado. Com isso, o sujeito aceita a sua dor vitalícia, aniquilando qualquer esperança.

Essa parte encerra, então, a epifania do sofrimento. O eu lírico aceita, de uma vez, que não é capaz de superar a dor da existência nos dois últimos dísticos:

Nem existir é mais que um exercício  
de pesquisar de vida um vago indício,  
  
a provar a nós mesmos que, vivendo,  
estamos para doer, estamos doendo.

Impossibilitado pela dor, o sujeito do poema de Drummond ruma os fatos. A sombra que irrompeu do relógio da igreja tomou conta por completo dele. Voltando a comparar com "Dissolução", podemos perceber que a obra fecha um ciclo dentro de si mesmo. "Escurece", e a busca pela resposta do enigma drummondiano é incessante, chegando ao seu "clímax" em "A Máquina do Mundo".

Apesar da "aceitação da recusa" por parte do eu lírico que palmilhava pela estrada pedregosa de Minas, o enigma não se cessa aí. O ciclo, portanto, fecha-se nas últimas quatro estrofes do livro.

#### **IV. Luto**

Na última parte do poema, os eventos não pareceram entediar o eu lírico coletivo. Há, pois, nessa parte, o retorno ao dia, à luz. É muito evidente o jogo de cores que Drummond estabelece nesse momento, quase que com o propósito de não anular por completo a escuridão. Às estrofes:

Mas, na dourada praça do Rosário,  
foi-se, no som, a sombra. O columbário

já cinza se concentra, pó de tumbas,  
já se permite azul, risco de pombas.

É a partir do som do relógio e da contemplação da praça dourada é que o eu lírico desvenda essa verdade das sombras. O espaço da praça agora se torna claro, e toda a epifania esvai-se. Mas o sujeito melancólico ainda digere essa tristeza, a mesma de "Um boi vê os homens". A claridade do espaço, a praça dourada, o céu azul, tudo isso sugere superação, mas há o estado de luto patológico por parte sujeito.

O columbário é prova de que o lança verdade a aceitação do enigma gauchiano. Enquanto pensamos primariamente em seu significado como pombal (risco de pombas), o poema sugere o que seja aplicado o significado de urnas funerárias (já cinza se concentra, pó de tumbas).

O final do poema - e do livro -, por fim, sumariza uma única ideia central: a aceitação do enigma. Entrar em um estado simbólico de luto elide a ideia do metafísico, daquilo que, mesmo parecendo distante e irreal, acontece dentro da própria consciência existente. O jogo de luzes e de cores no meio do columbário na praça configura apenas o vão esforço do poeta em resolver o enigma: aceitar que houve demasiado sofrimento desde o início para, ao final da exaustiva jornada, de nada adiantar as tentativas.

## **Referências**

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro Enigma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CAMILO, Vagner. Drummond: Da Rosa do Povo à Rosa das Trevas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VILLAÇA, Alcides Celso de Oliveira. **Poesia de Drummond: Na trilha dos Enigmas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012